

Homossexualidade feminina: uma questão de amor

Ana Helena Souza, Anamaris Pinto, Camila Colás Sabino de Freitas, Cristiana Chacon Gallo, Eduardo Vallejos, Fernanda Costa, Frederico Feu de Carvalho, Maria Célia Reinaldo Kato, Mariana Vidigal, Mirmila Musse, Paula Caio de Carvalho, Sérgio de Mattos.

Relatoras: Milena Vicari Crastelo e Simone Souto

Em seu texto “O declínio do Complexo de Édipo”, Freud declara que “a anatomia é o destino”¹. Porém, mesmo levando em conta a diferença dos órgãos sexuais, ele adverte que esse destino não resolve a questão sexual para os seres falantes: “a masculinidade ou a feminilidade, puras, não são encontradas nem no sentido psicológico, nem no biológico”, são construções teóricas de conteúdo incerto², não há naturalidade biológica da sexualidade nos seres humanos machos ou fêmeas. Portanto, a anatomia por si só, não é um suporte para que se possa contar-se no mundo como menino, menina, homem, mulher, LGBTQI+... Para a psicanálise, a anatomia não define a identidade sexual, nem o modo de gozo de um sujeito, tampouco contribui para a resolução das dificuldades encontradas frente ao sexo e a escolha de um parceiro: “o sexo não define relação alguma no ser falante”³.

No entanto, a declaração de Freud sobre a anatomia e o destino adquire valor de verdade se consideramos o comentário de Lacan no Seminário 10, onde ele sublinha a etimologia do termo “anatomia”, valorizando em *ana-tomia* a função de corte: “tudo o que sabemos de anatomia está ligado, de fato, à dissecação”⁴. Portanto, se a anatomia é o destino, é somente na medida em que o sexo aparece aí como um corte que torna impossível a escrita da relação sexual, mesmo se fizermos uso de todas as letras do alfabeto. A pluralidade de soluções com as quais nos deparamos atualmente, no que

¹ FREUD, S. O declínio do Complexo de Édipo (1924). In: *Amor, Sexualidade, Feminilidade. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 252

² A citação de Freud foi extraída do texto de Marcus André Vieira *A anatomia e seus destinos*. Publicado no site do XXI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, 2016: “A adolescência, idade do desejo”.

³ LACAN, J. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. P. 13

⁴ LACAN, J. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. P. 259

diz respeito à escolha sexual, nada mais é que uma tentativa de inscrição do gozo frente ao que é impossível de se escrever.

Dora e a Jovem homossexual

Poderíamos considerar a homossexualidade feminina como uma das soluções possíveis para esse impasse do ser falante frente a impossível escrita do real do sexo? Para a abordagem dessa questão, são paradigmáticos dois casos freudianos: Dora⁵ e a Jovem Homossexual⁶, “[...] duas jovens mulheres mergulhadas no mesmo discurso social e no mesmo período histórico”⁷. Enquanto Dora, analisando-se com Freud, “desvela seu amor e seu fascínio por uma mulher mais velha, amiga da família e amante de seu pai”, a Jovem Homossexual, que “teve apenas algumas entrevistas com Freud, perturbava, em nome de um amor por uma mulher de ‘má reputação’ mais velha do que ela, as conveniências de seu meio”⁸.

Com Dora, a homossexualidade feminina interroga o que é uma mulher, o enigma da feminilidade, assim como o saber que lhe falta sobre o feminino e que ela supõe estar na Sra. K. Com esse caso, Freud pôde concluir que a homossexualidade é uma “tendência” na histeria em geral. No que concerne ao laço de Dora com os homens (representados por seu pai e o Sr. K.), este estaria sustentado por uma identificação com o amor e o desejo que eles destinam a uma mulher: a Sra. K. que, por ser objeto desse interesse, deteria o saber sobre a feminilidade e encarnaria, para Dora, A mulher. Portanto, quanto aos homens, Lacan afirma que, para a histérica, eles não passam de “homens-de-palha”⁹, com os quais ela se identifica para ter acesso à Outra mulher:

⁵ FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905[1901]) *In: Um caso de Histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Obras completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Editora Imago.

⁶ FREUD, S. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina (1920). *In: Neurose, Psicose, Perversão*. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 157-192

⁷ BROUSSE, M-H. A homossexualidade feminina no plural ou quando as histéricas se dispensam de seus homens de palha. *In: Mulheres e discursos*. Rio de Janeiro, Contra Capa (Coleção Opção Lacaniana), 2019. p. 56

⁸ *Ibidem*, p. 56

⁹ A expressão “homens-de-palha” de Lacan foi extraída do texto de Maria-Hélène Brousse. A homossexualidade feminina no plural ou quando as histéricas se dispensam de seus homens de palha.

“ela deve passar por eles, pelo amor deles e pelo desejo deles por outra, para ter acesso a uma feminilidade idealizada”¹⁰. Dessa maneira, as *Doras* se liberam de inventar uma solução feminina singular.

A posição da Jovem Homossexual é completamente diferente: para ela, somente uma mulher pode amar e desejar outra mulher de maneira apropriada. Cortejando a Dama, ela enfrenta o pai mostrando-lhe o que é verdadeiramente amar e desejar uma mulher: o caso amoroso mantido com a Dama nada mais é do que um *acting out* endereçado ao pai e através do qual a Jovem Homossexual responde ao amor que ele lhe negou na realidade. Afinal, o pai a decepciona ao dar à mãe um filho e ela então, submetendo-se incondicionalmente à Dama, como uma espécie de amor cortês, vai mostrar ao pai que o verdadeiro amor é dar o que não se tem – “ela sustenta seu desejo desafiando seu pai, diferentemente de Dora” que, servindo-se do homem como *homem-de-palha*, “o faz por procuração”¹¹. Assim, é “a partir do discurso sobre o amor” que Lacan aproxima a homossexualidade apresentada no caso Dora e no caso da Jovem Homossexual¹².

Um amor que sabe e o falso furo

Os relatos clínicos de Freud, citados acima como paradigmas, nos mostram claramente como o amor tem um lugar central e mesmo uma prevalência sobre o desejo sexual, nas relações homossexuais femininas. No caso de Dora, podemos dizer que ela ama a Outra mulher a qual supõe possuir um saber sobre o feminino que lhe falta. No caso da Jovem Homossexual, ela se empenha em demonstrar como só uma mulher sabe amar outra mulher ou, em outras palavras, “o que é amar uma mulher lá onde o homem

¹⁰ BROUSSE, M-H. A homossexualidade feminina no plural ou quando as histéricas se dispensam de seus homens de palha. In: *Mulheres e discursos*. Rio de Janeiro, Contra Capa (Coleção Opção Lacaniana), 2019. p. 57

¹¹ BOULENGÉ, Christine Le. Présentation de la question de l’homosexualité féminine. In : *Traits de perversion*. *Revue Quarto*, n°43, 1991. p. 13 - tradução livre

¹² *Ibidem*, p. 13

afligido, limitado como ele o é pelo ter fálico, não alcança ou alcança mal”¹³. Nos dois casos, observamos que, através de estratégias diferentes, o amor se liga de forma estreita ao saber, mas um saber que visa ao gozo feminino como todo não fálico, ou seja, “sem ligação com sua outra borda, o gozo fálico”¹⁴, que marca o gozo feminino como não-todo.

Sem desconsiderar a variedade na forma de viver a homossexualidade feminina e a singularidade de cada caso, essa tentativa de alcançar o todo sem passar pelo falo, nos parece predominante nas relações homossexuais na atualidade. Na prática analítica, observamos, em particular em certos casos de adolescentes, o quanto, muitas vezes, a homossexualidade aparece como um fenômeno de grupo e, também, uma evitação da diferença sexual: as meninas namoram as amigas porque “é mais fácil”, “elas já entendem, sabem amar”. Assim, isolam-se em um grupo só de meninas, desprezando os meninos “que não sabem amar e, aliás, não sabem de nada”. Não é raro, nessas relações entre meninas, que o encontro dos corpos fique excluído. O amor aqui, mais ao estilo da Jovem Homossexual, configura-se como um amor que sabe o que a parceira quer e o que ela vai fazer, um amor idealizado que viria completar a inexistência de um saber sobre a sexualidade inscrito no real, isto é, que viria reparar o traumatismo do sexo e o fato de que nada nesse campo é preparado por um saber prévio e harmônico, por uma relação sexual já escrita.

Trata-se de um amor que visa atingir um gozo feminino no qual o falo não faça obstáculo, uma tentativa de, através de uma idealização do amor, esquivar-se das dificuldades e dos imbróglios colocados pela interposição do falo entre os dois sexos, ou seja, é uma forma de não ter de se haver com a diferença sexual entre o Um e o Outro sexo. Nesses casos, o amor se sustenta em “um eixo de identificação horizontal e metonímico: onde se amar (*s’aimer*) pode ser escrito como se mesmar (*se mêmer*) em

¹³ FAJNWAKS, Fabian. Cultures *Queer*: altérité et homosexualités. In: *Elles ont choisi Les homosexualités féminines*. Paris, Éditions Michèle, 2013. p. 114 – no original temos : *aphligé*. A grafia com ph faz referência ao *phallus*

¹⁴ *Ibidem*, p. 114

um semelhante”¹⁵.Prevalece, portanto, a vertente narcísica do amor: ama-se a si mesmo no outro. Dessa forma, através de um amor sem diferenças, tenta-se atingir o gozo feminino como Outro absoluto. O amor torna-se, portanto, um modo de gozo que responde à falta a ser do sujeito .

Lacan nomeia, esse amor de “uraniano”¹⁶, sublinhando-lhe a radicalidade e sua afinidade com a homossexualidade feminina. O amor assim idealizado, ao negar o falo, funciona como uma espécie de repositivação do -phi: - (-phi). Essa operação faz aparecer uma “potência enganosa”¹⁷ onde a falta, apesar de constatada, coloca no horizonte, pela exaltação do amor, uma crença na mulher como Outro absoluto, um Outro que possa ser tão ou mais potente que o falo. Nessa operação, segundo Lacan, a homossexual feminina sustenta uma concorrência sexual com o falo, confundindo o gozo com os instrumentos do poder e procedendo a uma reabilitação do Outro pela via do amor idealizado. Essa posição, no entanto, não lhe confere um acesso ao gozo feminino, pois este pressupõe, de um lado, só poder ser atingido considerando o falo, e, de outro lado, que a mulher esteja ausente de si mesma. A homossexual, ao contrário, ao negar o falo, “não está ausente em absoluto no que lhe resta de gozo”¹⁸. Por isso, Lacan afirma que a homossexual sustenta o discurso sexual com toda a segurança, mas colocando-se “numa cegueira total quanto ao que vem a ser o gozo feminino”¹⁹. Assim, o que é visado nesse tipo de parceria não é o todo fálico constituído como um conjunto fechado a partir de uma exceção, mas o “universal do

¹⁵BROUSSE, M-H. L’homosexualité au pluriel ou Quand les hystériques se passent de leurs hommes de paille. In: *Elles ont choisi Les homosexualités féminines*. Paris, Éditions Michèle, 2013. p. 34

¹⁶LACAN, J. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 294 – O amor uraniano é aquele que se encontra na fala de Pausânias sobre a origem do amor, no Banquete de Platão para se referir ao amor fraternal que existe , por exemplo , entre o mestre e o discípulo em oposição ao amor sensual comum. Sua origem está ligada á chuva de sêmem que se seguiu à castração de Zeus. Exclui, portanto, o Outro sexo , ao contrário do amor sensual comum que surge da cópula de Zeus e Dione.

¹⁷ LACAN, J. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 292

¹⁸ *Ibidem*, p. 18

¹⁹ LACAN, J. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 17

feminino”²⁰, ou seja, tenta-se, às expensas do falo, alcançar, através da idealização do amor ou, mais precisamente, do discurso amoroso, das palavras de amor, o inalcançável, o ilimitado do lado feminino.

Então, quanto à escolha de uma parceira do mesmo sexo, constata-se, na homossexualidade feminina, o “interesse supremo”²¹ pela feminilidade que, paradoxalmente, torna-se inalcançável na maioria dos casos, na medida em que essa escolha, ao negar a incidência do falo na relação, coloca essa forma de parceria protegida da castração.

O movimento das Preciosas, abordado no Seminário 19, é um exemplo de uso do discurso do amor visando neutralizar as diferenças, sobretudo a sexual. Segundo Lacan, as Preciosas definem admiravelmente o excesso *homo*, “o *Ecce homo* do amor”²². Nesse movimento feminino do século XVII, as mulheres rejeitavam o sexo, o casamento tal como instituído, e valorizavam o amor como galanteio. No campo das relações amorosas, tratava-se de uma inclinação homossexual tolerada pelos costumes morais, um “safismo discreto”, baseado em uma “amizade letrada”, tomada como “o que do amor se dá quando ele se recusa a satisfazer o desejo”²³. Em seu aspecto cultural e sobretudo literário, vale destacar um particular uso da língua para que a linguagem fosse aperfeiçoada: as Preciosas “opõem, ao poder da língua de evocar e equivocar, uma estratégia de contornos (banindo as palavras obscenas), reformas fonéticas (eliminando as sílabas sujas) e reforma gramatical (com a suspensão do gênero masculino)”²⁴. Guardadas as devidas diferenças, parece se tratar de um tipo de movimento de feminização da língua, de uma tentativa de abolição do viril, que vemos

²⁰ LAURENT, É. Remarques sur trois rencontres entre les féminisme et le non-rapport sexuel. In *Lacan Quotidien n. 861*, 13 décembre 2019, disponível em : <https://lacanquotidien.fr/blog/2019/12/lacan-quotidien-n-861/>

²¹ LACAN, J. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 744

²² LACAN, J. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 17 – *ecce homo= esse homo*

²³ Wachberger, H. Lacan sur le pas de précieuses. In: *Ornicar?*. Paris: Navarin, 2004. P. 199

²⁴ Wachberger, H. Lacan sur le pas de précieuses. In: *Ornicar?*. Paris: Navarin, 2004. P. 207.

hoje, no discurso feminista, quando, por exemplo, se abole as letras **a** e **o**, substituindo-as pelo **x** de uma suposta indiferenciação sexual. Manipulando os signos e os símbolos, tenta-se apagar a diferença dos sexos e criar uma língua sincrônica, sem diferença, sem furos, sem equívocos, isto é, sem as marcas da inexistência da relação sexual.

Nesse contexto, não é que o furo esteja totalmente ausente do discurso do amor, porque, como esclarece Lacan, referindo-se à prevalência do amor na homossexualidade feminina, “mais do que outro, tal amor se gaba de ser o que dá aquilo que não tem, é exatamente isso que a homossexual se esmera em fazer no tocante àquilo que lhe falta”²⁵. Parece-nos que toda a questão é que, nas relações homossexuais femininas, esse furo quase sempre se apresenta como não sendo mais do que um “falso furo”²⁶. Trata-se de um furo que resulta da interseção do furo do Um com o furo do Outro, mas sem qualquer articulação ou enlaçamento entre eles. Logo, esse furo não se mantém como furo e desliza, escapa através dos subterfúgios de um amor sustentado na recusa em se servir do falo para verificar o real da inexistência da relação sexual. Por meio dessa estratégia, procura-se manter no horizonte um gozo feminino que se situaria todo fora do sexo, fora do falo e, conforme se observa em vários casos, a devastação e o pior, nessas circunstâncias, podem se impor. Nesses casos, encontramos uma recusa do gozo como não-todo, que é tomado como aquele que não deveria ser, um gozo que não convém, se comparado ao único gozo que conviria: o da relação sexual que não existe e que se tenta atingir.

Esse tipo de estratégia presente muitas vezes no amor homossexual feminino não é sem impasse porque, segundo Lacan, “é o falo que tem o papel de verificar que o falso furo é real”²⁷ e, sem essa verificação, essa amarração, esse trajeto que passa pelo falo atravessando o furo e esvaziando o real, não se pode ter acesso ao gozo feminino como

²⁵ LACAN, J. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 744

²⁶ LACAN, J. (1975-1976). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 24

²⁷ LACAN, J. (1975-1976). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 114

não-todo, uma vez que este se define, em seu mais além, como eminentemente marcado pela falácia.

O amor ainda, mas não sem o falo: o furo real

Neste ponto de nossa elaboração, uma questão se coloca: na homossexualidade feminina, é possível considerar um amor que consentiria com o gozo não-todo? Mesmo escolhendo uma parceira do mesmo sexo, pode o amor na homossexualidade feminina consentir com o *heteros*, com o Outro sexo? Quanto a isso, uma passagem do Seminário 19 de Lacan pode nos orientar: “o de que se trata quando se trata de sexo é do outro sexo, mesmo quando preferimos o mesmo”²⁸. Logo, o amor entre duas parceiras do mesmo sexo pode, em certas condições, ultrapassar o amor narcísico e visar, na parceira, não a semelhança ou o Outro absoluto, mas o que nela responde, de forma suplementar e não complementar à inexistência da relação sexual, isto é: o *sinthoma*. Dizendo de outro modo, “a parceria, quando ela inclui o sexual, supõe que o Outro se converta em sintoma do falasser, em meio de seu gozo”²⁹. Ora, a inclusão do sexual se dá através do falo e nos permite afirmar que tomar o *sinthoma* como parceiro, dar-lhe um corpo fora do seu, implica a verificação do falso furo pelo falo e sua transformação no furo real, inclui o encontro com a inexistência do Outro, com o Outro sexo. Afinal, o *sinthoma* só pode advir como um parceiro no lugar do Outro que não existe e a dissolução do Outro pode se apoiar apenas na sustentação que lhe dá o *sinthoma*.

Entre o modo de gozar homem e o modo de gozar mulher, existe, então, o *sinthoma*, “há relação somente na medida em que há *sinthoma*, isto é, em que o Outro sexo é suportado pelo *sinthoma*”³⁰, mas isso, como sublinha Miller³¹, não é um privilégio das relações heterossexuais, uma vez que pode haver “mulher cor de homem ou homem

²⁸ LACAN, J. (1971-1972). *Le Séminaire, livre XIX: ... ou pire*. Paris: Seuil, 2011. p. 155

²⁹ MILLER, J-A. *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 408

³⁰ LACAN, J. (1975-1976). *O Seminário, Livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003. P.98

³¹ MILLER, J-A. *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 408

cor de mulher”³². O que está em jogo quanto ao parceiro como *sinthoma*, é a não equivalência entre os modos de gozo, a diferença entre o Um e o Outro sexo, bem como o fato de que o gozo, na relação com o parceiro, presentifica uma alteridade, um furo real. Poder-se-ia esperar do falo que ele fosse o instrumento da cópula que faria a relação sexual existir, mas, bem ao contrário, o que ele faz é verificar essa impossibilidade, razão pela qual sua incidência confere ao amor uma função inédita: o amor é o que transporta o gozo para fora do autoerotismo, é a forma pela qual se pode ter acesso ao próprio gozo como Outro.

Logo, se Lacan declara que “heterossexual é aquele que ama as mulheres, qualquer que seja seu próprio sexo”³³, isso certamente coloca a possibilidade de um amor que visa o *heteros* mesmo entre parceiras de um mesmo sexo, mas não sem o falo.

Esse amor, que parte de um gozo não-todo e se sustenta no Outro como furo, nada sabe, exatamente porque, como esclarece Lacan, “no limite desse não-todo não há senão o Outro a não saber, é o Outro que faz o não –todo, justamente porque ele é a parte que de todo não sabe nesse não-todo”³⁴

³² LACAN, J. (1975-1976). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 112

³³ LACAN, J. O aturdido. . *In: Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 467

³⁴ LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 133